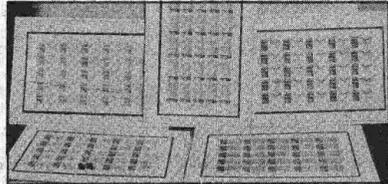
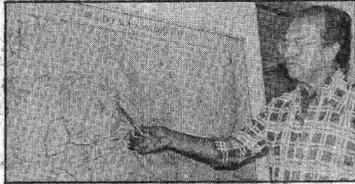


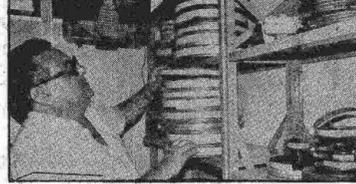
Gondim mostra seus slides



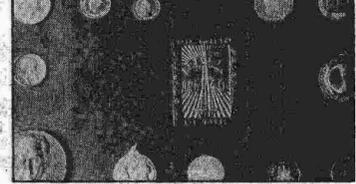
Selos históricos da coleção Gondim



Mapa original com o Plano Piloto



Dino Cazzolla e seus filmes



Medalhas e moedas dos primeiros tempos



João Gabriel Gondim de Lima, um cearense radicado em Brasília desde 1959, em meio ao seu acervo, amontoado num quarto de apartamento. Ali está, entre outras preciosidades, o primeiro livro impresso na cidade

Um depoimento inédito de Juscelino

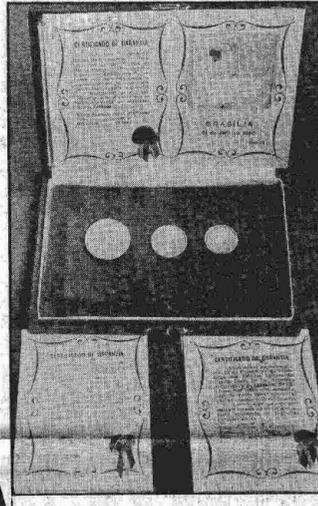
Em 21 de abril de 1975, Juscelino Kubitschek, ainda amargava um certo ostracismo. Nesta época, procurado pelo cinegrafista Dino Cazzolla, ele prestou depoimento (inédito e que publicamos abaixo) sobre a provável construção de um Museu da Cidade. Et-lo, transcrito na banda sonora do filme, que não foi exibido na época, permanecendo até hoje, arquivado em meio ao acervo de Dino Cazzolla:

"Agradeço às pessoas que tiveram a idéia genial de fundar um museu em Brasília, com a finalidade de recolher, para a posteridade, elementos que interessem à reconstrução da história de Brasília, desde o dia de sua inauguração. Nenhuma cidade do mundo, terá, estou certo, este privilégio. Esta cidade poderá ser acompanhada desde o dia que começou a sua vida, ainda quase deserta, aqui no Planalto Central, até o dia de hoje, com 15 anos de idade, em que já reúne nas suas ruas, quase um milhão de habitantes, em torno da região que a cerca, cerca de 10 milhões de habitantes e os grandes troncos que dela partem para os pontos cardiais do Brasil e 11 milhões de habitantes como é o caso da Belém-Brasília que tem a sua margem cerca de 3 mil novos fazendeiros. Aqui estamos portanto para esta festa de 15 anos, que vai se projetar talvez para 15.000 anos, eu louco, eu felicito a idéia dos que iniciaram este movimento e todas as vezes que me for possível dirigir a voz a Brasília, eu estarei aqui preparado com o mesmo entusiasmo com que a construí naqueles três anos e meio de lutas e sacrifícios de trabalhos indômitos para acompanhar e acreditar sempre naquela frase que gravei no seu pavilhão central.

Como disse, a profecia de D. Bosco está realmente acontecendo. Brasília é hoje, o cérebro das decisões nacionais. Por ela já passam todos os sonhos e todas as iniciativas que visam fazer a grandeza do nosso país. Aos que tiveram essa idéia, a iniciativa desse movimento, as minhas felicitações".

Em leilão, a memória de Brasília

Texto de Maria do Rosário Caetano
Fotos de: Francisco Alberto



No acervo de Gondim, as medalhas de ouro comemorativas da inauguração da nova capital da República, cunhadas por autorização de Juscelino Kubitschek, e o respectivo certificado de garantia



No próximo dia 21 de abril, aniversário de Brasília, será inaugurado o Museu da Cidade, idealizado por Juscelino. Mas, paralelamente, estará sendo posto em leilão importante acervo particular sobre a memória da Capital - será que o Governo compra? É agora ou nunca

No dia 21 de abril, quando Brasília estiver comemorando seu vigésimo terceiro aniversário, um leiloeiro poderá bater seu martelo ao ouvir lance aproximado de 100 milhões de cruzeiros. Neste momento, o leiloeiro terá vendido parte da memória de Brasília, reunida durante 24 anos, pelo pioneiro João Gabriel Gondim de Lima, 54 anos, nascido em Fortaleza e radicado na cidade desde 1959. "O leilão acontecerá no Hotel Nacional", avisa Gondim, já cansado de esperar que o Governo do Distrito Federal lhe compre, em bloco, seu acervo, para anexá-lo a outros, num Museu da Cidade.

—Do meu acervo constam mais de 500 livros, entre eles Bagana, um monólogo dramático do teatrólogo Rui Carneiro, primeiro livro impresso em Brasília; fitas contendo gravações de discursos de JK e de músicas de tema brasileiro, a começar por Exaltação a Brasília, de César Prates. Tenho ainda, neste setor, a Sinfonia de Brasília, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, e o Hino de Brasília, de Neusa França, que se somam, a medalha de ouro usada por JK, a todos os catálogos telefônicos do DF e todos os jornais do "21 de abril" encadernados (de 1960 até 1982).

E no acervo de Gondim há até peças de valor questionável, como a poesia da cidade engarrafada e a alca do caixa de JK, "tudo registrado em cartório".

Ele conseguiu reunir, em 18 álbuns, todos os selos de Brasília, que começam com Tiradentes e seu sonho de uma capital no centro do país, chegando à visita do Papa e fatos mais recentes. Este acervo deverá ser exposto, no 21 de abril, nas dependências do Clube Filatélico de Brasília. Mas Gondim acha que todas estas soluções de exibição pública de seu acervo são parciais.

—O material está reunido num quarto do meu apartamento, na 305 Sul. As pessoas que querem visitar, conhecer as peças. Mas não tenho condições de

abrir minha casa para visita. O ideal é que um organismo público reúna este acervo num local aberto à comunidade. Antes de planejar este leilão, ofereci a Dona Sarah Kubitschek todo o acervo, para que ela o adquirisse e colocasse no Museu JK. Infelizmente, ainda não me deu resposta. Foi informado de que ela viajou para os EUA, onde deve permanecer por seis meses. Recentemente, no Rio de Janeiro, adquiri 68 mapas do cartógrafo Lúiz Cruls, onde registrou sua caminhada de Uberaba a Planaltina. Este Atlas foi preparado em 1894, como subsídio para defesa da transferência da capital para o centro do país.

MUSEU DA CIDADE

O momento vivido por Brasília pode favorecer a Gabriel Gondim, já que a Secretaria de Educação e Cultura e a Novacap estão preparando o Museu da Cidade. Este novo empreendimento deverá ser inaugurado no próximo 21 de abril.

O Museu da Cidade funcionará nas dependências da Novacap, localizada próxima ao Carrefour, na estrada que dá acesso ao Núcleo Bandeirante, e terá como acervo básico material reunido, desde 1957, pela Divisão de Documentação da Novacap.

No momento, a empresa não quer se manifestar, já que Eurides Brito, secretária de Educação e Cultura, anunciará, na próxima semana, cronograma de atividades ligadas ao novo Museu.

Em maio de 1980, o Correio Braziliense publicou matéria intitulada "Descaso com a Memória Cinematográfica", onde forneceu subsídios sobre o acervo da Novacap. Dizia a matéria:

"Um dos acervos de que se tem conhecimento é o que se encontra sob a guarda da Novacap. Como afirma Geraldo Ulysses Viana (então chefe de

Gabinete da Superintendência da entidade), os filmes pertencentes ao nosso acervo eram para a companhia, documentos técnicos. Depois é que percebemos que eles representam parte da memória da cidade".

Já Rui Sérgio Pavano (então diretor-administrativo da Novacap, assegurou que "tanto os originais recuperados quanto as cópias de propriedade da Companhia, estão sendo guardados em sala própria, refrigerada, por pessoas especializadas, do quadro da Divisão de Documentação e Comunicações".

Ao todo, são 57 filmes. Além deste material, de natureza cinematográfica, a Novacap dispõe de enorme variedade de documentos ligados à memória da cidade.

Este material sempre esteve aberto à consulta de pessoas e entidades interessadas em pesquisas relacionadas com a memória de Brasília. A Fundação Pró-Memória catalogou tal acervo, e o Correio Braziliense, ao promover o seminário Brasília, 20 anos, em colaboração com a UnB e GDF, promoveu a exibição de alguns destes filmes históricos. No momento, a Divisão de Documentação está voltada para sua futura transformação em Museu da Cidade, e por isso, aguarda o sinal verde da secretária Eurides Brito. A partir daí, o processo será desafiado.

CAZZOLLA E FONTENELLI

Outra boa parte da memória de Brasília está nas mãos de pioneiros: o cinegrafista Dino Cazzolla e o fotógrafo Mário Fontenelli. Este, como fotógrafo da Novacap, registrou os momentos primeiros da cidade, ou seja, a terra sendo assinalada em cruz, para dar origem aos eixos Monumental e Rodoviário; o espaço, então coberto de pequenos morros, onde seria erigida a Estação Rodoviária etc. No momento, Fontenelli vive num abrigo de idosos no Núcleo Bandeirante, e seu acervo está "guardado" dentro de seu

automóvel.

Dino Cazzolla, está executando levantamento de seu acervo, que gira em torno de 3.500 filmes. Ele cataloga cada "reportagem cinematográfica, de duração de um ou dois minutos, de acordo com seu tema. Por exemplo, tenho uma reportagem com o presidente Médici, onde se vê o coronel Figueredo. Então, tenho que catalogar este filme no nome destas duas personalidades".

Cazzolla chegou a Brasília em 1957. Ele era funcionário do Ipase e além de reportagens cinematográficas para este Instituto, recebeu a mesma missão da construtora Capua Capua. Documentou o primeiro banho de bica dos funcionários do Ipase, "que naquela época era um registro qualquer, mas hoje é um documento histórico".

O cinegrafista, que hoje atua nas Produções Dino Cazzolla (302 Sul), não tem ainda preço fixo para seu lote de filmes. A única coisa que ele espera é que cada filme tenha o preço de uma reportagem cinematográfica de hoje.

Atualmente, cobramos 100 mil cruzeiros por uma reportagem de um minuto. Espero que este mesmo preço seja pago por cada reportagem dos primórdios de Brasília. (Se multiplicarmos este valor pelos 3.500 filmes do acervo de Cazzolla, teremos o preço aproximado de seu acervo).

MEMÓRIA EM MODA

Maria de Sousa Duarte, animadora cultural e pesquisadora da história brasiliense, está otimista com "o momento vivido por Brasília, já que a proximidade do aniversário da cidade vem despertando enorme interesse por registros históricos. Podemos dizer que a Memória entrou em moda".

Mas o entusiasmo de Maria Duarte, autora da tese Educação Pela Arte Numa Cidade Nova: O Caso Brasília a ser lançada em livro, no próximo 21 de abril) acaba quando

detecta o "desentrosamento entre as várias entidades ocupadas com a recuperação da memória brasiliense".

— É muito importante reunir os documentos de Brasília que estão dispersos em vários locais e com vários indivíduos. A construção da nova capital é uma experiência única na história do país e foi bastante documentada. O que verificamos, hoje, porém, é que este material está espalhado em vários museus, todos inoperantes.

Em 1976, durante seis meses, Maria Duarte acompanhou os debates que cercaram a construção do Centro George Pompidou, em Paris, e no ano passado, de volta à França, pôde passar 26 dias dentro do "Bubu", tomando contato com o que há de mais impressionante em termos de registro e animação da cultura contemporânea.

— Em 76, muitos intelectuais franceses questionaram a construção do Centro, um prédio moderno, num quartier dos mais tradicionais de Paris. Foram realizados seminários, que permitiam aos opositores, questionar a obra. O Centro começou a funcionar antes de sua conclusão e em tom desta efervescência, nasceu o projeto de dinamização do Pompidou. Este espaço — que é imenso — se propõe a registrar e discutir a cultura contemporânea, e não tem a idéia de arquivá-la nos moldes de um museu tradicional. Ao contrário, quer tudo vivo, em movimento.

— A memória de Brasília só deve ser reunida em espaços que sejam democraticamente utilizados. Aqui, a comunidade não participa da elaboração de projetos de dinamização dos museus. Talvez por isso, nem os visite. A Fundação Pró-Memória está catalogando museus, instituições e pessoas que têm documentos da memória brasiliense. Mas, mesmo à Pró-Memória, falta um projeto maior, capaz de transformar tal documentação em matéria viva. Só referenciar e catalo-

gar, não basta. É preciso definir os princípios de utilização do bem cultural. Não se deve assumir uma posição contemplativa frente à memória de Brasília. É preciso organizar seminários, cursos, enfim, atividades capazes de transformar a memória num fenômeno vivo.

Se houvesse uma integração dos museus e um real conhecimento do acervo da memória brasiliense, Maria Duarte acredita que "se geraria um elemento, capaz de pôr fim à idéia de que o turista visita a cidade, em apenas um dia".

— É claro que museus vivos, com programação cultural intensa, atraem e prendem o turista numa cidade. Passei 26 dias dentro do Centro Pompidou, e poderia ficar lá por muitas semanas, tendo muito a presenciar.

A idéia de se construir um grande Centro Cultural na Esplanada dos Ministérios (entre a Catedral e o Touring Club), capaz de abrigar a Biblioteca Pública (prevista por Lúcio Costa), a Cinemateca (defendida por Vladimir Carvalho) e a memória histórica de Brasília, é analisada por Maria Duarte:

— Acho que o momento vivido pelo país, não permite a construção de uma obra deste porte, pois a crise econômica é muito grave. Esta idéia é excelente, mas só poderá ser concretizada em tempos melhores. Além do mais, não faltam espaços em Brasília. Eu não me conformo em saber que o Centro Cultural da Caixa Econômica Federal, um espaço magnífico, permanece ocioso. O próprio Teatro Nacional é semi-explorado. Um dos pontos de maior movimento de Pompidou é andar onde funcionam restaurantes e bares. O restaurante do Teatro Nacional, ao que me consta, nunca funcionou. O teatro é maravilhoso, mas está subaproveitado. Precisamos reunir a memória de Brasília e transformá-la em referencial para as novas gerações, nem que seja em praças públicas.